

# O Museu do Homem Americano e o seu discurso museológico

## The Museum of the American Man and his museological discourse

**Carina Siqueira de Moraes**

Universidade Federal do Vale do São Francisco

carinamorais00@gmail.com

**Helaine Sivini Ferreira**

Universidade Federal Rural de Pernambuco

hsivini@terra.com.br

### Resumo

É indiscutível a importância dos museus enquanto centros de divulgação científica e promotores de aprendizagens. Por isso que estudos que se dediquem a analisar como esse tipo de instituição divulga sua Ciência se tornam cada vez mais presentes. Esse trabalho teve a finalidade de analisar o discurso museológico presente no Museu do Homem Americano, localizado em São Raimundo Nonato – PI, através dos textos e recursos de sua exposição. Para tanto, utilizamos como referenciais Marandino (2001, 2002) e Pereira e Vale (2017) no tocante a categorização dos textos enquanto texto/discurso científico e do texto/discurso de divulgação. Verificamos que os textos do referido Museu assumem características de textos científicos e a exposição com um caráter sistemático ou disciplinar, do tipo contemplativo. Esse tipo de estudo ajuda curadores e pesquisadores museais a desenvolver e repensar exposições permanentes como um todo, buscando um impacto educativo nos visitantes e melhor divulgação científica. Portanto, ratificamos que a forma e o conteúdo dos textos podem interferir positivamente ou negativamente na interação e aprendizagem do público-visitante dos Museus.

**Palavras chave:** discurso museológico, divulgação científica, museu arqueológico.

### Abstract

The importance of museums as centers of scientific dissemination and promoters of learning is indisputable. That is why studies that dedicate themselves to analyzing how this type of institution divulges its Science become more and more present. This work had the purpose of analyzing the museological discourse present in the Museum of the American Man, located in. Through the texts and resources of its exhibition. For that, we use Marandino (2001, 2002) and Pereira and Vale (2017) as references for the categorization of texts as scientific text / discourse and for the text / discourse of dissemination. We have verified that the texts of the said Museum assume characteristics of scientific texts and the exhibition with a systematic or disciplinary character, of the contemplative type. This type of study helps curators and museum researchers to develop and rethink permanent exhibitions as a whole, seeking an educational impact on visitors and better scientific dissemination. Therefore, we affirm that

the form and content of the texts can interfere positively or negatively in the interaction and learning of the visitor's public of the Museums.

**Key words:** museological discourse, scientific divulgation, archaeological museum.

## Introdução

A educação não-formal e a divulgação científica que provém dos museus têm sido considerada um complemento as atividades escolares, pois oferecem a sociedade o que a escola muitas vezes não pode oferecer, como: o acesso a laboratórios, recursos audiovisuais sofisticados, reprodução de habitat natural, coleções de espécies raras, equipamentos tecnológicos, astronomia, artefatos étnicos, acervos arqueológicos etc. Logo, é um espaço com grande potencial para a articulação de aspectos: afetivos, sensoriais, cognitivos e para produção de conhecimento científico (OVIGLI; FREITAS; CALUZI, 2010; MARANDINO, 2015).

Reconhecendo a importância dos museus como centros de divulgação científica e promotores de aprendizagem, no tocante ao seu papel social, cultural e científico, que se tornam imprescindíveis estudos que busquem compreender como essas instituições vêm divulgando a Ciência. Portanto, a presente pesquisa objetiva analisar o discurso expositivo/museológico presente no Museu do Homem Americano localizado em São Raimundo Nonato no Piauí, através dos textos e recursos de sua exposição permanente. Os museus apresentam um discurso próprio que é constituído por vários elementos presentes em suas exposições (podendo ser: história, origem, datas, conteúdos, objetos, coleção, recursos tecnológicos, espaço físico etc.) nos quais os visitantes interagem cada um a sua maneira.

## Fundamentação Teórica

A função dos objetos nos museus está diretamente ligada à função básica do espaço que é a preservação, o que possibilita o surgimento dois aspectos inerentes a musealização: a salvaguarda e comunicação dos indicadores de memória. Sobre a salvaguarda podem ser evidenciadas atividades de coleta/estudo, documentação, conservação e armazenamento. As atividades comunicativas comportam a exposição, projetos educativos, ação sócio-educativo-cultural e avaliação. Esses aspectos formam as coleções, que tem um papel social através da produção científica, pelas formas de intervenção educacional e comunicacional (BRUNO, 1996).

Segundo Marandino (2001), uma das formas de compreender ou/e analisar museus de ciências ou de história natural e como esses espaços divulgam a Ciência é analisando como se expressa o conhecimento em suas exposições científicas. Podendo ser por meio dos textos expostos e recursos disponíveis. As análises podem ocorrer a partir de características de texto/discurso científico e do texto/discurso de divulgação, ou até mesmo a partir do processo de transformação de um no outro. Focando na construção do discurso expositivo e da sua relação como discurso científico e pedagógico.

Para Pereira e Vale (2017), os museus possuem um discurso próprio denominado de discurso museológico que apresenta diversos elementos presentes nas suas exposições, que levam os visitantes a interagem de diversas formas. Ao analisar esse discurso é possível refletir sobre as exposições e a quem estão destinadas, permitindo, assim, adequações ao seu público, e favorecendo o aprendizado.

Tomando Marandino (2001, 2002) e Pereira e Vale (2017) como referenciais para nossa análise, o texto científico, no geral, seria uma variante do texto argumentativo, sendo sua estrutura composta por um problema, solução e conclusão, elementos necessários à argumentação. Outra característica é a própria linguagem científica, que se contrapõe com a linguagem do senso comum e se enquadra como uma linguagem estrutural. O agente, normalmente, está ausente, sem a perspectiva de um narrador e os grupos nominais substituem as ações representadas pelos verbos, retirando o agente.

Portanto, o discurso científico apresenta linguagem objetiva, formal, pontual, com normalização, vocabulário técnico, com a indeterminação do sujeito (verbo na 3ª pessoa com o acréscimo do “se”, voz passiva, ou 1ª pessoa do plural, sujeito universal). Assumindo a perspectiva da neutralidade, mecanismos esses com a finalidade de demonstrar veracidade e legitimidade do discurso científico.

Já o texto de divulgação tem por base o texto jornalístico, privilegiando o receptor. A linguagem tem a tendência de se aproximar da cotidiana, podendo apresentar metáforas e analogias para tornar as exposições claras. No texto de divulgação, ou ensino, ou pedagógico, convivem duas formações discursivas: a da ciência e a do jornalismo. Expressando a objetividade e neutralidade científica em um registro mais coloquial, com certa subjetividade. Apresenta elementos linguísticos e extralinguísticos envolvidos na experiência do leitor. Além disso, possuem mecanismos que revela a capacidade autoexplicativa, utilizando elementos didatizantes, como: definição, nomeação, exemplificação, comparação, metáforas, parafraseamento, uso de elementos visuais, narração etc.

## **Metodologia**

Esta pesquisa enquadra-se em uma abordagem metodológica descritiva dentro do paradigma qualitativo. Os dados foram gerados a partir da leitura minuciosa, interpretação, entendimento e categorização dos textos expostos e recursos museológicos do Museu do Homem Americano, com o intuito de identificar e analisar o seu discurso museológico.

O Museu pesquisado está situado na sede da FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano. A FUMDHAM é uma entidade civil, sem fins lucrativos, filantrópica, sediada no município de São Raimundo Nonato – PI. O referido Museu visa divulgar a importância do patrimônio cultural deixado pelos povos pré-históricos e pelo povoamento das Américas, divulgando 100 mil anos de história. Apresenta ao público os resultados das pesquisas realizadas no Parque Nacional Serra da Capivara – PARNA (declarado pela UNESCO patrimônio histórico e cultural da humanidade), com atualizações regulares.

O referido Museu possui uma exposição permanente distribuída em quatro salas que recebem o público, intituladas: 1- Sala Zuzu, 2- Sala Pinturas Rupestres, 3- Sala Morte ou Enterramentos e 4- Sala Materiais Líticos e Vestígios Históricos. Na FUMDHAM além do Museu existem laboratórios onde são realizados os estudos sobre os fósseis, materiais líticos coletados, entre outros, que passam por limpeza, manutenção, triagem, preparação e reserva técnica, tombados e depositados para pesquisa. Os laboratórios são espaços liberados apenas para pesquisadores e funcionários. O Museu possui um acervo que conta com cerca de aproximadamente 90 peças que contemplam as áreas da arqueologia, paleontologia, etnologia, botânica etc. Os objetos museais expostos ficam isolados por redomas de vidro ou vitrines, menos as réplicas onde é possível o toque.

Desse modo, analisamos os textos dessa exposição permanente enquadrando-os em textos científicos ou de divulgação, tomando como base os referenciais de Marandino (2001, 2002) e Pereira e Vale (2017), no tocante a categorização dos textos enquanto texto/discurso científico e do texto/discurso de divulgação (apresentados na fundamentação). Desse modo, apresentaremos e discutiremos algumas características evidenciadas através dos textos do Museu do Homem Americano, compondo, assim, o seu discurso museológico, aproveitando também para analisar seus recursos museológicos:

## O discurso museológico do Museu do Homem Americano

Foram identificados, em relação ao gênero textual, etiquetas de identificação e quadros (texto de parede). Não foram identificadas placas de informação, para fins de localização e, sim, de manutenção. As etiquetas de identificação se reportam aos fósseis, réplicas, materiais líticos e vestígios históricos. São textos sucintos, algumas etiquetas são objetivas e descrevem somente as peças, trazendo: nome, origem, datação, local de coleta etc. Já outras, além desses aspectos, apresentam mais informações sobre os objetos. Os quadros ou textos de parede são extensos e se relacionam com a temática de cada sala, apresentam: título, descreve o assunto abordado, e informações relacionadas com a história, características, teorias, técnicas etc.

Em relação às características físicas dos textos, as letras apresentam fontes pequenas a mediana. Grosso modo, as letras estão adequadas, acompanhadas de luminosidade e o leitor pode se aproximar para facilitar a sua leitura, não tendo restrição de distanciamento ou cordões de isolamento. Além disso, cada texto é apresentado em duas línguas – português e inglês.

Na primeira sala, Zuzu, é possível encontrar: 4 textos de parede, 1 vídeo, 3 etiquetas, uma dessas proveniente de uma vitrine de parede. Os textos de parede trazem muitas informações. As etiquetas fazem a descrição do material. O quadro 2 exemplifica um texto de parede e o quadro 3 evidencia um exemplo de etiqueta com descrição concisa dessa sala.

Os referidos textos foram classificados como textos científicos, pois evidenciam características que reportam a esse tipo de texto. É possível notar a presença dos verbos na terceira pessoa do plural e singular, sem a presença de um agente, além de termos científicos específicos e técnicas sem definição, bem como a presença da identificação taxinômica de espécies. O quadro 2 representa alguns desses apontamentos, destacados em negrito.

Nesse exemplo é possível encontrar também uma parafraseagem: “[...] próximo da antiga margem do rio que **correu** no local” [...], a palavra “correu”. A parafraseagem, como recurso metalinguístico, permite transformar conceitos, termos, explicações técnicas ou específicas em uma linguagem mais simples ou mais próxima do senso comum para facilitar o entendimento. Marandino (2001) destaca que esse tipo de estratégia é comum e recorrente em textos de divulgação científica nos museus. Porém, esse tipo de recurso acaba sendo pouco utilizado na exposição. Com o uso de expressões pertencentes à ciência, sem a apresentação de definições, os textos apenas oferecem informações sobre o exemplar.

Pereira e Vale (2017) destacam que o predomínio de terminologias científicas nos textos de uma exposição pode dificultar o entendimento do público visitante. Uma vez que o público é amplo e heterogêneo, sendo necessária uma variedade de textos que contemplem essa diversidade, indo desde diferentes estruturas até a linguagem utilizada, esperando que o locutor seja considerado nessa construção.

Estrutura de Visitação	Foto:
<p>Texto 3:  <b>AS EVIDÊNCIAS</b></p> 	<p>A afirmação de que as fogueiras estruturadas descobertas no sítio não eram de origem antrópica mas provenientes, simplesmente, de fogos naturais de floresta foi demolida pelos resultados de uma série de sondagens feitas ao longo da descida, desde o sítio da Pedra Furada até o vale, subindo a seguir pela margem oposta.</p> <p>Fogos de floresta teriam deixado carvões e marcas em toda a área, mas foram achadas fogueiras apenas perto da parede do abrigo, sob a proteção da parte inclinada da falésia e, no fundo do vale, próximo da antiga margem do rio que correu no local até cerca de 10.000 - 9.000 anos BP.</p> <p>Se o fogo natural tivesse atingido o abrigo, todos os seixos de quartzo e quartzito que estivessem nesse momento sobre o solo teriam esquentado. A análise por termoluminescência dos seixos recolhidos nos níveis mais profundos demonstrou que somente os que formavam parte da estrutura de fogueira aqueceram.</p> <p>As observações sobre a qualidade e a natureza das peças líticas que, segundo os críticos, seriam simplesmente o resultado de choques e fraturas naturais, também foram avaliadas.</p> <p>O professor Robson Bonnichsen, da Texas A &amp; M University, fez uma série de análises das mais antigas peças líticas da Pedra Furada, utilizando o microscópio eletrônico. Em dezembro de 2004, enviou seu primeiro relatório, com as fotos e suas conclusões: as peças haviam sido fabricadas e utilizadas pelo homem.</p> <p>Outro achado reforçou as evidências anteriores: coprólitos humanos, encontrados próximo a uma fogueira durante as escavações, foram datados de 7.230 anos. Analisados pelo Instituto Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, constatou-se neles a presença de ovos e larvas do verme <i>Ancylostoma duodenale</i>, que causa uma forte anemia.</p> <p>A reprodução de <i>Ancylostoma duodenale</i> pode ocorrer apenas em regiões de clima quente, pois as larvas, encontradas nas fezes das pessoas infectadas, se desenvolvem no solo e apenas quando a temperatura do solo for maior que 17 graus.</p> <p>Isso elimina completamente a possibilidade de esses homens terem passado pelo estreito de Bering.</p>
<p><b>Texto de Parede</b></p>	
<p>A afirmação de que as fogueiras estruturadas descobertas no sítio não eram de origem <b>antrópica</b>, mas provenientes, simplesmente, de fogos naturais de floresta foi demolida pelos resultados de uma série de sondagens feitas ao longo da descida, desde o sítio da Pedra Furada até o vale, subindo a seguir pela margem oposta. Fogos de floresta teriam deixado carvões e marcas em toda a área, mas foram achadas fogueiras apenas perto da parede do abrigo, sob a proteção da parte inclinada da <b>falésia</b> e, no fundo do vale, próximo da antiga <b>margem do rio que correu no local</b> até cerca de 10.000 – 9.000 anos <b>BP</b>. Se o fogo natural tivesse atingido o abrigo, todos os seixos de <b>quartzo e quartzito</b> que estivessem nesse momento sobre o solo teriam esquentado. A <b>análise por termoluminescência</b> dos seixos recolhidos nos níveis mais profundos <b>demonstrou</b> que somente os que <b>formavam</b> parte da estrutura de fogueira <b>aqueceram</b>. As observações sobre a qualidade e a natureza das <b>peças líticas</b> que, segundo os críticos, seriam simplesmente o resultado de choques e fraturas naturais, também foram avaliadas. O professor Robson Bonnichsen, da Texas A &amp; M University, fez uma série de análises das mais antigas peças líticas da Pedra Furada, utilizando o <b>microscópio eletrônico</b>. Em dezembro de 2004, enviou seu primeiro relatório, com as fotos e suas conclusões: as peças haviam sido fabricadas e utilizadas pelo homem. Outro achado reforçou as evidências anteriores: <b>coprólitos</b> humanos, encontrados próximos a uma fogueira durante as escavações, foram datados de 7.230 anos. Analisados pelo Instituto Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, constatou-se neles a presença de ovos e larvas do verme <i>Ancylostoma duodenale</i>, que causa uma forte anemia. A reprodução de <i>Ancylostoma duodenale</i> pode ocorrer apenas em regiões de clima quente, pois as larvas, encontradas nas fezes das pessoas infectadas, se desenvolvem no solo e apenas quando a temperatura do solo for maior que 17 graus. Isso elimina completamente a possibilidade de esses homens terem passado pelo estreito de Bering.</p>	

Quadro 2: Texto 3 da sala Zuzu: As Evidências. Exemplo de texto de parede. Fonte: FUMDHAM.

Estrutura de Visitação	Foto:	Etiqueta
Etiqueta 1		<p>Crânio Zuzu   Zuzu skull</p> <p>Esqueleto de 9920 anos</p> <p>Crânio masculino, oval e alongado semelhante ao tipo africano.</p> <p>9,920-year-old skeleton</p> <p>This male skull is oval and elongated like those from Africa.</p>

Quadro 3: Etiqueta 1 da sala Zuzu: Crânio Zuzu. Exemplo de etiqueta. Fonte: FUMDHAM.

A segunda sala, Pinturas Rupestres, possui: 3 textos de parede, 2 vídeos e 2 mesas interativas. Os textos dessa sala foram classificados como texto/discurso científico. São textos bastante longos, incluindo os elementos anteriormente citados. Marandino (2002) pontua que textos longos nos museus deveriam ser evitados pela falta de costume do público em lê-los. Sendo necessário a utilização de recursos linguísticos para que esse tipo de texto se torne acessível ao visitante.

As duas mesas interativas e os dois respectivos vídeos se enquadraram como de divulgação. Apesar de não apresentar uma linguagem direta, através de placas informativas, como: toque, olhe, observe e compare, se enquadram como estilísticos/visuais e manipulativo, que são elementos didatizantes e que convidam o público a manipular as mesas interativas e a assistir os vídeos. Segundo Pereira e Vale (2017) o uso de textos reflexivos e objetos manipulativos facilitariam o processo de construção de significados pelo sujeito visitante, pois valorizam a multiplicidade de sentidos. Esses objetos são cada vez mais comuns nos espaços museais, e exercem diferentes papéis, desde a oportunidade de aproximação física com a exposição ou de interação, e envolvimento intelectual.

Na sala da morte ou enterramentos é possível encontrar 16 etiquetas (1 dessas é para uma réplica de um enterramento tríplice), 1 texto de parede, 1 vídeo – documentário. Os textos presentes nessa sala se reportam aos tipos de sepultamentos. Essas etiquetas não são tão objetivas, pois trazem informações ou explicações, além da descrição do material exposto.

Nessa sala assim como na segunda sala das pinturas rupestres foi possível encontrar elementos, poucos, que se enquadram dentro do discurso de divulgação: explicação de termos ou de técnicas, quando se explica, por exemplo, os tipos de sepultamentos; a menção a outro termo para urna funerária, no caso, pote de argila, linguajar mais usual. Em algumas etiquetas é possível encontrar o significado, entre parênteses, para termos científicos, outro elemento característico da divulgação, porém não há uma padronização. E, no mesmo texto, podemos observar termos específicos, sem que haja a utilização desse recurso. Além disso, é possível encontrar também uma réplica (enterramento tríplice), que aparentemente se pode tocar, pois não se encontra nenhuma restrição. Réplicas também são consideradas por Marandino (2002) elementos didatizantes.

A sala de sepultamento é a que se encontra mais próxima do discurso/texto de divulgação, por possuir menos termos científicos. As informações expostas acabam sendo de fácil entendimento ao leitor, se aproximando de uma linguagem mais informal. Apesar de ter um quantitativo considerável de etiquetas, equivalente aos objetos, os textos não são longos, e além da descrição trazem informações complementares.

Sobre a possibilidade de tocar a réplica, Pereira e Vale (2017) esclarecem que o toque por si só não garante o envolvimento cognitivo por parte do visitante. Logo, ao planejar uma exposição se deve avaliar a interpretação que o público pode dar aos objetos no contexto museal, e não a quantidade de objetos manipulativos ou contemplativos. “Os objetos possuem uma íntima relação com os textos que compõem uma exposição e estes, em conjunto, constituem o discurso museológico e influenciam os modos de apropriação do público” (PEREIRA; VALE, 2017, p. 842).

A sala de materiais líticos e vestígios históricos expõe a maior quantidade de objetos, totalizando 50 etiquetas. Alguns textos são pontuais, trazem o descritivo dos objetos, outros são mais extensos, pois trazem informações adicionais. Esses estão compreendidos como textos científicos, com as mesmas características evidenciadas nas demais salas.

## **Considerações Finais**

A partir da análise do acervo da exposição permanente, observamos que os textos do Museu do Homem Americano assumem características de textos científicos, evidenciando poucos elementos didatizantes. Para Marandino (2002) e Pereira e Valle (2017) o texto científico é recorrente em museus, seguido da existência de objetos científicos e naturais, concentrando suas informações sobre a história, origem, datas e descrição do objeto. Para um estudo mais aprofundado é preciso considerar além dos textos, também, os objetos, o espaço, a história do museu e sua relação com a coleção, pesquisa, entre outros etc.

A própria organização da exposição revela um caráter sistemático ou disciplinar, do tipo contemplativo. Pereira e Valle (2017) dizem que essa problemática do processo de escolarização nos museus é frequentemente observada, com a incorporação de métodos e objetivos da educação formal, além da preocupação com a aprendizagem conceitual. E que, normalmente, as exposições têm um caráter mais tradicional em que os objetos são majoritariamente contemplativos. Lembrando que os Museus deveriam divergir da Escola em relação a: intencionalidade, a organização, duração, flexibilidade, aprendizagens entre outros aspectos. Onde os interesses dos sujeitos aprendizes devem prevalecer, com liberdade de escolha e conhecimento acessível, sem preocupação com o formalismo e com a avaliação do conhecimento.

Segundo Marandino (2015) o que deveria se esperar ao final de uma visita não é a quantidade do que foi aprendido sobre a exposição, mas a qualidade das interações humanas. Por isso,

esse tipo de estudo sobre o discurso museológico é importante para colaborar com o desenvolvimento de atividades museais ou repensar exposições permanentes já existentes. Tendo em vista também uma melhor divulgação do conhecimento científico. Reforçamos aqui que a forma e o conteúdo dos textos expostos adequadamente podem interferir positivamente nas interações do público e no impacto da aprendizagem. E, que, se considerarmos a heterogeneidade de públicos e objetivos para com as visitas, sugerimos que uma mesma exposição deve contemplar diferentes tipos de textos, estruturas e recursos, garantindo a construção de múltiplos engajamentos e significados por parte de quem visita, de acordo com suas necessidades formativas.

Por fim, ressaltamos que esse estudo realizado no Museu do Homem Americano não finda por aqui, são nossas primeiras impressões sobre o espaço não-formal que nos ajudará a colaborar com o Museu. Buscando, assim, estratégias complementares que promovam a interação e reflexão do público visitante sobre seus objetos museais. Almejamos em estudos posteriores a promoção e disseminação do conhecimento científico e múltiplas aprendizagens, visando também atender a diversidade de perfis dos visitantes.

## **Agradecimentos**

À Fundação Museu do Homem Americano – FUMDHAM.

## **Referências**

BRUNO, C. Museologia: algumas ideias para a sua organização disciplinar. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 9, n. 9, p. 9-33, 1996.

FUMDHAM – Fundação Museu do Homem americano, 2019. Disponível em: <[www.fumdam.org.br](http://www.fumdam.org.br)>. Acesso em: 10/02/2019.

MARANDINO, M. **O conhecimento biológico nas exposições de museus de ciências: análise do processo de construção do discurso expositivo**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001, 451f.

MARANDINO, M. A biologia nos museus de ciências: a questão dos textos em bioexposições. **Ciência & Educação**. v.8, n.2, Bauru, 2002. p.187-202.

MARANDINO, M. **Formação de professores, alfabetização científica e museus de ciências**. In GIORDAN, M; CUNHA, M. B. (Org.). Divulgação científica na sala de aula: perspectivas e possibilidades. Editora: Unijuí, 2015. p.360.

OVIGLI, D. F. B.; FREITAS, D.; CALUZI, J. J. Quando os museus de ciências tornam-se espaços de formação docente. In PIROLA, NA. **Ensino de ciências e matemática, IV: temas de investigação** [online]. Editora UNESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.244.

PEREIRA, B. O.; VALLE, M. G. O discurso museológico e suas tipologias em um museu de história natural. **Ciência & Educação**. V. 23, n.4, Bauru, 2017. p. 835-849.